

N.º 106 - Pagm a gerencia de...
No pello que fin...
Espozende...
Luz Vianna

O POVO ESPOZENDENSE

SEMENARIO INDEPENDENTE

ANNO V

ASSIGNATURA—PAGAMENTO ADIANTADO—
Por anno, sem estampilha, 1:200 rs. Por semestre, 600
rs. Com estampilha, anno 1:360 rs. N.º avulso 40 rs.
Brazil, anno, (moeda forte), 2:500 rs. Não se restituem
originaes.

REDAÇÃO E TYPOGRAPHIA, RUA DO ARCO N.º 8
Editor e proprietario—J. da Silva Vieira

Domingo, 27 de Setembro de 1896

ANNUNCIOS—LOGAR COMPETENTE—
Por cada linha (corpo 14) 40 rs. Repetição, menos 10 %
Comunicados, ou reclames, 40rs. a linha. Os assignantes
25 % de desconto. O pagamento dos annuncios é feito
no acto da entrega do original. Imposto do sello 10 rs.

N.º 219

SOBRE A EMIGRAÇÃO

Passemos agora a esses a quem chamamos os desmoralizados.

Ha alguma coisa de miseravel na alma dos miseraveis. O ser que rasteja na tréva identifica-se de alguma maneira com a propria tréva. Se perguntarmos aos felizes da terra quem são os desmoralizados, os felizes da terra apontar-nos-hão os miseraveis. Os opulentos, a humanidade que gosa, que passeia, que come todos os dias, assiste o seu monculo sobre a montureira dos pequenos, e retira-o, indignada e altiva, porque só ali descobre a podridão por debaixo das emanações mephiiticas do vicio. Na verdade, ha ali alguma coisa de apodrecido; mas nem por isso estamos auctorizados a imputar á corrupção o alastrar do morbo corruptor.

Vemos muitas vezes, por essas viellas, umas coisas repellentes, semelhantes a creaturas humanas, cheias de farrapos, tendo para os ardores do sol do estio como para os gelos do inverno uma unica cobertura que é a sua nudez; reparamos mais a fito n'essa gente e julgamos descobrir-lhe com a nossa vista prescrotadora alguma coisa de ascoroso n'aquelle olhar, de hediondo n'aquelles trapos, de fétido e de mau n'aquellas existencias refugadas. Vémol-os invejosos e insolentes, olhando com desprezo a nossa esmola, fitando, de soslaio, com um olhar cheio de coisas torpés, as nossas botas lustradas e o nosso chapéu novo. Que gente é essa? Que especie de animaes são esses? perguntamos nós, nós que somos gente educada, civilisada; nós que somos capitalistas, presidentes de alguma camara municipal, agiotas, fidalgos, bons, venturosos. Que é isso que para ahí se arrasta?

Santo Deus! são a essencia do mal, a podridão que a sociedade atira para os recantos dos bairros mais escuros, são a peçonha do vicio fermentando nas dobras da capa da civilisacão do nosso seculo.

E não obstante, aquillo, aquellas coisas, são nossos irmãos!

O pobre não deve ser invejoso, o pobre deve humilhar-se, disémos nós, repetindo esse axioma inventado por uma sociedade profundamente hypocrita e burgueza. Humilhar-se é tornar-se pequeno, é descer.

Que mais pequenos queremos nós que seja o que já de si é infimo? Quantos degraus queremos nós que desça o que já occupa o ultimo degrau?

Lêmos as gazetas. Depara-se nos a narração d'um crime, um assassinato seguido de roubo, uma facada, uma desobediencia á auctoridade, etc. . . quem foi? Ora; quem havia de ser? foi um artista, foi um vadio, foi um malandro, d'esses que vemos por ahí pelas esquinas. A bilis irrompe-nos dos labios contra a corja; e cada vez se avoluma mais no nosso intimo o desprezo por essa gente que rouba para comer, que mata para roubar, que esquarterja a moral por essas ruas, à luz do sol, à luz da civilisacão, na nossa cara honrada e digna, bemcreada e séria. Retiramos-nos para dentro da nossa

consciencia,—coisa singular!—a nossa consciencia não nos accusa de haver-mos sido injustos. Pois bem; supponhamos que a nós nos falta um dia o pão; à falta de pão segue-se a falta das considerações com que a sociedade amima aquellos que o teem; à falta das considerações dos que nós consideramos nossos iguaes, segue-se uma convicção profunda de que ha, não uma fatalidade que nos persegue, mas uma vontade que nos opprime; sentimos que não só somos abandonados, mas também desprezados. E por quem? pelos nossos semelhantes, pelos nossos irmãos. Passamos pelo portão de um palácio. Lá dentro ha gente que come. Principiamos a sentir a germinação de uma ideia. A convicção cresce, a ideia avoluma-se. Convicção de que ha quem nos queira esmagar; ideia de revolta, de insubordinação contra esses que nos mandam ser humildes para que não interrompamos os seus festins.

Calculatêmos nós bem o que resulta d'aqui? Resulta esse levantar medonho dos escarceos sociaes que a historia nos apresenta desde os tempos mais remotos, na Judeia, em Roma, na Sicilia, na Escocia, nos Paizes-baixos, na Irlanda, e em toda a parte onde se respira a custo de baixo de uma oppressão que julgamos sempre incompativel com a nossa natureza humana. Serão plenamente justificaveis estas insurreições selvagens em que nada se respeita, nem lei, nem sociedade, nem direitos, nem superioridades socialmente estabelecidas? Não sabemos. O que nos parece é que ha furacoens que deliberam e tempestades que racionam.

Os pequenos, os esquecidos, os fracos, são sempre os desmoralizados. A Camara de Amares, conforme com o sentir geral, tem razão. Positivamente tem razão. E que remedio alvitra a Camara de Amares para essa doença generalisada nas classes trabalhadoras? Não sabemos; mas não erratêmos muito se dissermos que, também conforme o sentir geral, a sua opinião therapeutica se inclina para o emoliente da resignação christã.

Em Portugal é isto, e ha-de ser isto. E, ail se o deixar de ser! abrir-se-hão para os portuguezes as portas do inferno onde ha o ranger dos dentes.

Acêrca das considerações restantes da Camara de Amares sobre as causas da emigração penso que são criteriosas e justas, não passando, no entanto, sem reparo o que tanto a suprareferida Camara como a de Basto e como algumas outras exprimem acerca do recrutamento. Querem remissoens, a dinheiro é claro. Não sou de opinião. A remissão dá em resultado só ir para a tropa quem não tem dinheiro. E, se é um dever o tributo de sangue, penso que esse dever perde alguma coisa do seu character nobre e elevado logo que possa ser substituido por umas poucas moedas. Se este torrão a que nós ensinaram a chamar patria precisar um dia de quem o salve da tyrannia ou da usurpação será com o dinheiro que elle se defende? Poder-se-ha responder a isto que com dinheiro também se fazem soldados. Sim, mas mercenarios; para se organizar a defeza de Portugal

creio que são necessarios soldados portuguezes. E se o dinheiro é destituado a exercitar os nossos proprios soldados, direi que bem melhor organizado é o exercito da Suissa e nem gasta ao seu paiz o dinheiro que os nossos vinte mil recrutas gastam nem roubam metade dos braços à lavoura que a legislação militar portugueza rouba, acrescento que a Suissa organisa em pé de guerra para cima de tresentos mil homens bem disciplinados, enquanto que Portugal apenas poderá dispôr de pouco passante de cem mil mal disciplinados.

E' que na Suissa ha moralidade. Esta minha affirmativa é uma coisa com que talvez nunca as Camaras de Portugal houvessem sonhado.

Lá ha moralidade. Todo o cidadão é soldado; faz periodicamente o seu serviço de instrucção e volta para os seus labores. Lá ha moralidade; cá ha ministros. Se os nossos homens do governo fossem mais moralizados do que esses a quem a Camara de Amares chama immoraes eu dir-lhes-hia que a Portugal bastam perfeitamente cinco mil homens para policia interna e que o restante dos homens validos para as armas, que podem ascender a oito centos mil, com uma instrucção rigorosa de vinte dias em cada seis mezes, com menos despeza do que demanda esta fantochada de espavento que para ahí temos, chegaria perfeitamente para a defeza do reino, tendo a vantagem de deixar á agricultura os seus braços e muito mais ainda a moralidade que em Portugal se perde mal o recruta galucho transpõe os humbraes da cazerna. Em Portugal o quartel é uma escola de malândros. A educação dos soldados está a cargo de uns Napoleoensitos chamados aspirantes, de uns coroneisitos chamados sargentos, e de uns capitãesitos ainda cabos. O soldado, olhando para o aspecto do que o castiga, fica sciente de que o castigo é mais um capricho do nosso sargento do que uma imposição da inflexivel disciplina. Para elles quem castiga é o nosso sargento, é o nosso aspirante, é o nosso tenente; não é o nosso codigo. Se isto é disciplinar, então fica o dito por não dito. No nosso paiz,—nosso!—no paiz do sr. Marianno de Carvalho e do sr. João Felix a instrucção tem esse aspecto que vae, por gradação, desde o barbudo mestre escola que intima a leitura do b a ba de ferula em punho até ao petit crêvé aspirante que aranca meia espada, irado e não fazendo, para mandar despejar o biasco ao 37 da 4.º

Alto. Vou-me remetter ao sério do jornalista sisudo para não des-cambar para ahí na gargalhada cini-ca que tudo isto está a pedir em altos brados.

(Continúa)

PINHO NEGRÃO.
MINIATURAS
III
A MUNDANA

Amara mas nunca fôra amada. . . Nunca havia sido feliz portanto. O seu primeiro vagido ao entrar no mundo foi suffocado pelos labios ma-

ternos n'um beijo banhado em lagrimas de recente viuvez, lagrimas que ao de sempre lhe caíram frias, amargas sobre as faces rosadas—emquanto a pobre Mãe a emballava ao som d'uma melopéa de suspiros longos, de ais de foudas saudades. Ia crescendo, avigorando, ao passo que a tão querida e pobresita ia vergando, definhando dia a dia—cruciada pelo sofrimento, pela lembrança do ente amado que partira para essa viagem eterna d'onde se não volta. . .

Completára vinte annos, vinte primaveras cheias de felicidades juvenis, antes sonhos de impossivel realisar no mundo onde ha o pranto—no dia em que a fome lhes batera à porta e no parco mealheiro d'outrora nem um ceutil. . .

Na cama, paralytica, sem pão, a dolorosa Mãe contando a miseria e a saudade por cada cabelo branco, branco das Neves do desgosto, as lagrimas já seccas nos olhos por cada ruga precoce delineada pelo sofrer apenas no rosto pallido; e ella, a linda virgem de cabelos loiros, d'olhos de ceu—sem trabalho, sem ninguém que fiasse uma tigela de caldo, lhe desse uma codea dura. . . porque era nova, podia trabalhar.

. . . E ella cedeu; esfolhou as rosas brancas da sua corôa virginal ante o sorriso malicioso do oiro, porque com elle podia alimentar mais uns dias a luz d'esse olhar quasi extincto, a vida d'essa martyr esfo-meada, d'ella que se desfizera mesmo do seu anuel nupcial para calar o choro que a indigencia traz, à sua filha, àquelle pedaço da sua alma.

Cedera levada pelo santo, imenso amor a essa sobre cujo corpo frio e immovel em breve chorou as lagrimas d'uma auzencia para sempre. . . as primeiras que diluiram o conspurcamento da sua honra no affecto que arrastavam, sendo choradas pelo coração:

—O sentimento perdôa e faz esquecer a culpa.

Mas, quem amanhã lhe daria alimento, tecto para se abrigar, vestido para cobrir a sua nudez? Quem?

. . .

E lá passou de logo dependurada do braço d'um titular rico—amante de momento—sorrindo uns sorrisos menos puros e francos que o dos solitarios que fulguravam nos lobulos rosados das suas orelhas. . . O nome de Violeta chrisma essa mundana fallada por todos—que dissolvia em beijos grandes fortunas, ante cojos encantos se depunham nomes illustres, se inclinavam diplomatas graves. . .

Quão vertiginosamente surgiu porem no seu rosto—a primeira ruga que pode encobrir de logo! A segunda que dissimulou ainda! Depois o amortejar do olhar brilhante, o descolorir do seu azul celeste. o emmurchejar das rozas das faces. . . Chamaram-lhe velha, casquinaram dos seus disfarces os ardentes admiradores. . . o desprezo pois.

. . . E ella ao abrir o cofresinho onde guardava as suas joias, presentes que lhe marcavam em cada scintillar d'um brilhante, em cada fulgir d'uma gemma os dias de deshonra, contava essas horas constantes sem o relampejar d'uma idéa de arrependimento—chorava de desespero, maldizendo todos, tudo. . .

Quantas vezes não arrebanháva todas essas joias que pareciam rir-se

ironicas da sua dôr, e que representavam muitas fortunas que ella annullou, compradas com lagrimas de esposas traídas, de Mães roubadas pelos proprios filhos—e ia a lançal-as ao monturo, mas. . . estava velha, abandonada e quem sabe se amanhã a fome mais uma vez se lhe assentaria à porta, a miseria a arrastaria á enxerga do hospital, ou á tarimba nua da prisão? . . .

E guardava-as novamente, os olhos torvos pelas lagrimas da vergonha.

Meditava então n'esse passado aviltante, a braços com a degradação, correndo a poutapés o pudor. Um nome lhe sorria depois—estrella perdida no negro d'essa deshonra diaria; sim, ella amara alguém; mas ao trocar com elle o beijo d'amor ouvia-lhe dizer cynicamente:

—«Quanto custa este beijo?»

Oh! quanto soffrera então n'esse ancior de raiva ao ver cuspidos o seu orgulho de mulher, n'esse fugir da ultima esperança feminal ao derruir de todas as illusões de amante! . . .

Hoje, as lagrimas, filhas ainda d'essa recordação sempre viva—eram-lhe tão amaras, tão de dentro como as primeiras que chorou sobre o cadaver de sua Mãe, quando des-honrada!

Se não fôra, pois, essa vida degradante, talvez que um sentimento como o seu brotasse no coração d'aquelle que foi—o seu unico amor. . .

E mais uma vez n'esse chorar d'alma ia o arrependimento forte como esse affecto, o arrependimento d'um passado onde não houvera só lama, porque—ella amara mas nunca fôra amada. . .

Luz Vianna.

A EMIGRAÇÃO

(Opinião das municipalidades do Minho sobre o augmento da emigração).

IX
VIANNA DO CASTELLO
Diz a camara:

«Como causa do augmento da emigração consideramos a diminuição dos rendimentos das terras, resultante do seu esgotamento, maus processos de cultura e das doenças manifestadas nos fructos, e especialmente na vinha; a falta de salarios remuneradores; a crise financeira que atravessamos; a facilidade dos transportes para a America e ainda as passagens gratuitas para o Brazil; a orientação dada á educação dos filhos dos lavradores e artistas, e em resultado d'esta o espirito aventureiro que se tem apodado de muitos dos nossos compatriotas, levados por conselhos e informações de outros que vindo de visita às suas familias, voltam de novo para lá. Com relação aos districtos do norte do paiz apontamos a densidade da população e a aversão ao serviço militar.»

X
ARCOS DE VAL DE VEZ

A camara indica, como causas geraes do augmento da emigração, principalmente duas:

«O augmento sempre crescente dos impostos, e a par d'elle o encarecimento constante da maior parte dos objectos que a população proletaria, que é em grande numero, tem

de comprar, coincidindo com o estacionamento e depreciação dos preços da maior parte das cousas que ella produz para a venda.

Juntamente com estas causas reaes, opéra tambem a tendencia do nosso povo para a emigração, a qual principiou nos tempos das descobertas e conquistas dos portuguezes, e tem augmentado sempre com o exemplo de proletarios que os nossos patricios viram partir para paizes estrangeiros no ultimo grau de pobreza, e depois voltar ricos ou remediados, esquecendo o numero e nome dos que lá fóra succumbiram, victimas de toda a ordem de miseria.

A camara faz depois sensatas considerações sobre o estudo decedente, imperfeito e rotineiro da nossa agricultura, deduzindo d'ahi, pela pobreza do proprietario, uma causa concomitante do crescimento da emigração.

DIREITO MARITIMO COMMERCIAL

V
(Conclusão)

These.

«Na falta de consulado, os protestos correm no tribunal do commercio».

Nos quatro artigos já publicados, pareceu-me ter demonstrado o sufficiente, para sem escrupulo se chegar á conclusão.

Diversidade de nações marítimas e uniformidade de regulamentos, de preceitos, de disciplina, de usos e de costumes na navegação, por mais que se distingam por bandeiras; a logica analisa e conclue:

Uniformidade de principios que se executam em muitos estados, é lei internacional escripta em muitas linguas.

Mais. Em todos os Estados, as alfandegas, até de repartições fiscaes, são tambem as estações do commercio marítimo em contacto com a navegação, dirigidas por pessoal habilitado, d'harmonia com o Codigo Commercial e regulamentos adequados. Conclusão:

O codigo commercial, não sendo letra morta, deve ter execução.

Mais. A estação commercial marítima em contacto com o navio estrangeiro que chegou, desempenhando-se das obrigações impostas pelo codigo e pelo regulamento, registra o navio, nacionalidade, procedencia, carregamento e consignação, e fica assim sciente de tudo quanto elle representa. Conclusão:

O estado territorial registra nos seus archivos a presença d'um amigo dentro das suas aguas, representando o estado cujo pavilhão indica.

Dentro das aguas territoriaes existe um navio com registro nas repartições do porto, cujas auctoridades, em desempenho dos cargos, informaram o capitão a respeito do cumprimento dos deveres que lhe competem perante as auctoridades territoriaes.

Mais. A lei que obriga o capitão do navio a prestar ás repartições territoriaes do porto todos os esclarecimentos respeitantes ao seu navio, para a boa regularidade da expedição commercial que vem desempenhar, dá-lhe tambem o direito de receber das mesmas repartições os esclarecimentos necessarios para bem se desempenhar das suas obrigações de procurador nato de todos os interessados do navio, perante todo o organismo official do Estado territorial. Conclusão:

As auctoridades marítimas do porto tem obrigação de informar os capitães dos navios e pol-os ao corrente das condições em que se encontra n'esse porto, na sua qualidade de estrangeiro.

Resumindo temos:

- 1.º O Principio Internacional presidindo a todo o direito marítimo.
- 2.º O Codigo Commercial regu-

lador do commercio marítimo.

3.º O respeito mutuo dos Estados pelas funcções do organismo juridico.

4.º As obrigações reciprocas dos que desempenham funcções officiaes, legisladas pelos Estados.

N'estas condições, com a fiel observancia dos quatro resultados acima apontados, é facil a harmonia do direito marítimo commercial, e o desempenho juridico, regular e competente, encontrar-se sem discrepancia.

Mas o atropello á lei é facilimo e até desculpavel, se o capitão do navio estrangeiro ignora as condições em que se acha no Estado territorial; e ignora o sempre que as auctoridades marítimas não o instruem a esse respeito. E porque o ignora? Porque a auctoridade ou auctoridades marítimas territoriaes esqueceram, pozeram de parte ou relaxaram o Codigo Commercial faltando assim flagrantemente á 4.ª conclusão, á reciprocidade de obrigações. Receberão officialmente as declarações do capitão e não lhe prestarão a satisfação que lhe deviam, isto é, trocaram-se os cumprimentos officiaes, mas omitiu-se ao capitão as informações devidas ao seu cargo official, legislado internacionalmente sob os preceitos dos art. 506 do Cod. C. P. que diz—«O capitão deve dentro de 24 horas da sua chegada ao porto do destino apresentar o seu diario de navegação á auctoridade encarregada de o legalisar, para ser visado, e, no caso d'arribada, naufragio ou evento extraordinario de que proviesse demora da viagem ou avaria causada ao navio, carga ou passageiros, deverá fazer em igual prazo o seu relatório de mar parante a dita auctoridade, o qual será completado com a informação summaria prestada pela tripulação e passageiros, se houver occasião de os interrogar.

Quem será essa auctoridade para o capitão estrangeiro se no porto não houver consul residente?

Que funcções desempenha o capitão segundo o que ensina o artigo 509 do C. C. P. que, sendo doutrina internacional, diz:

«O capitão é pessoa competente para em qualquer nação representar em juizo os proprietarios ou armadores do navio, quer como autor quer como réu, e é tambem o seu mandatario em tudo que diz respeito a gerencia e expedição do navio, podendo proceder livremente durante a viagem e nos paizes estrangeiros».

Para que fim se destinam os codigos commerciaes que possuem as estações marítimas officiaes dos portos?

A resposta é facil.

O Codigo está ali para executar-se e reger a materia a que se destina pelo proprio titulo.

Logo, o capitão investido dos poderes forenses (procurado) conferidos pelo art. 509 do C. C. P. perante a magistratura judicial d'um paiz que não conhece, é necessario, imprescindivel até, que se lhe faça sciente de qual a auctoridade, que em virtude das suas obrigações impostas pelo art. 506, tem que conhecer e julgar o seu protesto de mar. E quem tem obrigação de scientificar d'isso o capitão? Está claro que é a auctoridade que na estação marítima official do porto lhe tomou as declarações e registrou a sua chegada.

N'estas condições, previstas como estão na lei, tudo é regular, tudo é ordem e tudo é perfeita obediencia e, portanto, completa e absoluta execução integral do «Direito».

Mas se ao capitão não foram dadas as intruções, de que o seu protesto tem de ser levado a esta ou aquella auctoridade por não haver consul no porto, elle que tem impreterivelmente de ractificar-o e fazel-o julgar, presume que não ha no porto auctoridade com essa jurisdicção, e procura o agente consular

da sua nação onde o houver, e este não pode negar-se a admitir na chancellaria o chefe d'uma repartição commercial coberta com a bandeira do Estado em nome do qual ambos têm funcções officiaes a desempenhar, isto é, o capitão que se desempenha da obrigação do seu mandato e o consul do julgamento d'esse mandato com relação ao evento extraordinario do navio na sua alçada de magistratura conferida pelo respectivo regulamento.

Negar-se a receber um protesto de navio da sua nacionalidade pela razão do porto ou localidade em que se acha o navio ter magistreado a quem competisse; considerar-se fóra da acção da competencia por residir fóra da comarca da jurisdicção seria, realmente, muito bonito comportamento de respeito pelo funcionalismo judicial; mas perante o governo do estado que representasse praticaria um acto digno de severa reprehensão, pois que faltaria aos preceitos da protecção á humanidade recommendados nos respectivos regulamentos consulares e ainda áquelle preceito do regulamento que diz:

«Os agentes consulares, quando occorra algum acontecimento, sobre o qual devam deliberar de prompto, que se não ache previsto no regulamento e não caiba no tempo submeter á decisão do respectivo chefe da missão é procurar resolver-o pelos principios geraes de direito publico e do direito commercial, pelas regras d'analogia ou pela pratica das nações mais adelantadas em commercio e em navegação».

N'este caso, parece estar o sinistro do vapor hespanhol «Juliana», que tendo naufragado em Espozende, o seu capitão ractificou o protesto no consulado em Vianna—cito este caso de preferencia a qualquer outro que poderia tratar por analogia, por ser da actualidade, e, por no começo d'estes artigos, me ter servido d'assumpto.

O protesto do naufragio d'este navio está onde «não devia estar», em virtude «das leis», mas está onde «pode estar», se é que circunstancias legitimas e attendiveis são rasão que justifiquem o facto, como creio que o são.

Espozende, 22 de 7br.º de 1896.

Francisco da Silva Loureiro.

Regressou da sua viagem pelas provincias do Alentejo e Algarve, o nosso estimavel patricio e amigo sr. Alberto Fernandes de Faria. As nossas cordeaes boas-vindas.

Vindimas

Estão concluidas as vindimas n'este concelho.

Bem que a quantidade do precioso liquido seja inferior á do anno passado, a qualidade excellente compensa bem essa inferioridade, pois os vinhos são saborosissimos e de notavel força alcoolica.

Realizou-se em Bordéaux a inauguração do monumento do malgrado presidente Republica Franceza, Sadi-Carnot.

Considera-se extincta a epidemia da febre amarella no Rio de Janeiro.

«De Alcobaca»

Este apreciavel periodico de noticias e annuncios que se publica na villa que lhe dá o titulo, entrou no seu 6.º anno de publicação. Felicitemol-o, por isso.

De vizita a seu tio o nosso amigo sr. João da Silva Lopes Cardoso, esteve n'esta villa o sr. Joaquim Lopes Cardoso, bemquisto commerciante da Bahia.

Movimento marítimo

Sahiram d'este porto, a semana ultima: o biate «Boa Hora» para Villa Real de Santo Antonio, com

madeira e varios generos; e a chalupa «Julia I.ª» em lastro, para Aveiro.

Entrou: o cabique «Ventura de Deus», procedente da Figueira da Foz, com pedra de cal.

O palhabor «Boa Nova» que havia enalhado no banco do Cabello do Sul no dia 19, ponde safar-se, tornando para o ancoradouro e fazendo a sua sabida no dia 21 com destino ao Porto.

Dssordem=homens feridos

Na romaria realisada no ultimo domingo em Perilhal á Senhora do Allivio, porque os animos se excitassem com os vapores alcoolicos do verdasco, porreadearam-se a valer alguns romeiros ao terminar o arraial. Resultado: ficarem muito maltratados João Bitraco, de S. Martinho de Villa Frescainha e José Rosendo, de Villa Gova, que tambem feriram com algumas navalhas.

Está na praia d'Apulia com sua ex.ª familia, o distincto clinico sr. dr. Martins Lima

FÃO, 26 de Setembro.

Foi lançada á agua na preterita quarta feira, como noticiamos, a chalupa «D. Elvira», portancente a uma sociedade de industriaes da praça do Porto.

A embarcação, que desceu veloz e suavemente carreira abaixo, é, segundo a opinião dos entendidos, uma das mais bellas construcções que ultimamente tem sabido dos nossos afamados estaleiros e mais uma vez justifica a competencia e pericia dos antigos constructores Bordas, a quem felicitamos pelo exito obtido n'esta obra.

Ao acto do bota-fóra concorreram muitos espectadores e entre estes muitas familias da vizinha praia d'Apulia.

—Regressou do Gerez o nosso amigo ex.º sr. Antonio Veiga da Silva.

—Estiveram entre nós no domingo passado, o sr. Agostinho Dias, de Guimarães, distincto alumno da Escola-Médica do Porto e o nosso amigo E. de Magalhães. Invisível.

Desastre=Ferimentos graves

Jozé Rodrigues Torres, moleiro, da freguezia de Castello do Neiva, estando na sexta-feira ultima, 18, a quebrar pedra, por meio de tiros de dynamite, em um monte d'aquella freguezia, um d'elles fez explosão inesperadamente, produzindo lhe a carga e varios estilhaços de pedra ferimentos de grande gravidade, sendo os principaes a perda completa do olho esquerdo e o dilaceramento e fractura comminativa da mão e ante-braço esquerdo.

O pobre homem recolheu ao hospital da Misericordia de Vianna do Castello, onde lhe foi amputado o ante-braço esquerdo.

Chalupa «D. Elvira»

Mais um barco foi lançado á agua quarta-feira ultima—á chalupa «D. Elvira», propriedade do sr. José Joaquim Eucarnação, abastado proprietario de navios. A sua construção não desmerece o bom credito de que gozam os constructores snrs. Borda & Filho, e a reputação dos mui conhecidos e afamados estaleiros da importante freguezia de Fão.

A descensão teve um felicissimo exito.

O novo barco seguiu, a reboque de algumas embarcações, rio abaixo.

Cancioneiro do Musicas Populares

A musica popular, caracteristica do Douro, regional, inconfundivel, é a chula Rabella, de que vem um especimen puro no fasciculo 38, do Cancioneiro de Musicas Populares, agora em distribuição. N'elle destaca tambem outra canção, genuinamente popular, o Gira vira, de G. ya. Eis o sumario:

An. Viatico, religiosa, oferecida á sr.ª D. Ermelinda Adelaide Fernandes das Neves—Chula Rabella, choreographica, oferecida á sr.ª D. Margarida Guedes dos Santos Barreto Marques—Se eu fóra, canção, oferecida á sr.ª D. Silvina Augusta de Matos—Nas praias, canção, orphonica, oferecida á sr.ª D. Laura Eugénica da Fonseca e Sousa—Gira viva, dança, oferecida á sr.ª D. Maria Judith Fernandes Andrade Mello.

O Cancioneiro está á venda em todas as livrarias e no escriptorio da empreza á rua de D. Pedro, 116 — Porto.

Um municipio florecente

A cidade de Klingerban, Alemanha, possui propriedades commuaes tão lucrativas, que os seus habitantes não pagam contribuição alguma e ainda sobejam fundos para fazer com que regorgitem as arcas municipaes. Não sabendo em que utilizar as sobras, no dia 1.º do anno deu o municipio 15 marcos a cada habitante, a titulo de felicitação.

Emigração

Durante o anno de 1895, o numero de emigrantes portuguezes foi apenas de 44:000!

D'onde se conclue que a prosperidade nacional vae tomando, sob a acção do actual governo, um desenvolvimento nunca sentido. . .

Diz o «Comercio da Guarda»:

No Minho é tal a abundancia de vinho, que se está vendendo a 300 réis o almude.

Em compensação, de Pinhel dizem ser insignificante a colheita d'este anno.

Estevão d'Araujo

Dolorosa e triste a nova que hontem recebemos do passamento, em Vianna do Castello, d'este nosso estimavel e bemquisto conterraneo.

Souberamos antes de hontem do seu perigoso, gravissimo estado, quando para ali seguiram seu pae, o sr. Antonio Gonçalves Jacintho e seus tios os srs. Barões d'Espozende, mas estavamos longe de prevêr que a morte viesse cortar, tão prematuramente, o fio d'essa existencia querida e ferir tão crudelissimamente o coração de uma esposa dedicada e o de todos os seus parentes, que tanto o estremeciam.

E' bem triste, avaliando a dôr pungente que ora afflige toda a sua ex.ª familia, ver attingido pela morte, a camiuho do tumulo, o corpo livido e inerte de um conterraneo que tão bem soube captar as mais cordeaes sympathias dos espozendenses e de todos aquelles com quem tratava.

A seu inconsolavel pae, ex.ª esposa, illustras Barões d'Espozende e a toda a familia enluctada, trazemos a viva expressão do nosso profundo, sincero pesar.

O cadaver do chorado extincto vem hoje á noite para esta villa, afim de ser inhumado em jazigo de familia.

Os seus funeraes realisam-se amanhã no templo da Misericordia.

Vacca notavel

O periodico «Milck Zeitung» dedica, n'um dos seus ultimos numeros, um exteuso artigo com gravuras, a uma vacca leiteira hollandeza, «Ceder II». Nasceu em 1884, e tem dado 6:000 litros de leite por anno. Até hoje ainda não diminuiu na sua produção, pois não ha muito tempo dava até 35 litros de leite por dia. «Ceder II» tem 1.ª, 37 de altura e pesa 577 kilogramas.

CANCIONEIRO

(aos meus amores)

Rosa branca, rosa branca,
Tambem rosa quero ser.
Quero boijar os teus labios
Até mais não poder ser.

Tenho zelos, tenho zeloz,
Meu amor, meu nenuphar,
Tenho zelos de mim mesmo
Por te não poder lograr.

A branca lua, sentida
Fez a ma rosa mil queixas;
Assim eu estou queixoso
Sem saber porque me deixas

S. V.

Mandamentos do lavrador

- 1.º Escolhe boas terras e regeita as estereis, ainda que custem pouco dinheiro;
 - 2.º Não cries silvas, mas sim colheitas proveitosas.
 - 3.º Adopta uma rotaçao de culturas variadas e não as mudes nunca;
 - 4.º Es-gota os terrenos que necessitam d'isso;
 - 5.º Darás abundante csa aos teus animaes domesticos;
 - 6.º Tem tudo o que diga respeito a estes, em boa ordem e limpeza.
 - 7.º Grada bem o teu solo, lavra-o fundo, e pulverisa-o antes de o semear libiariamente;
 - 8.º Ajunta e poupa os adubos, livra-os do ar, e applica-os convenientemente;
 - 6.º Serve-te de bons instrumentos e cuida d'elles para se não estragarem;
 - 10.º Tran-forma os productos da tua granja em carnes;
 - 11.º Pesa e mede, tem conta com o gasto de cada animal, e vê por quanto te fica o producto;
 - 12.º Escolhe d'entre as culturas e os animaes o que melhor te convem, e deixa tudo o mais que te não sirva
- Aquelle que observar estes mandamentos pode contar com o auxilio divino e o respeito de todo o seu semelhante.
- A. de La Rocque.

Perda de navios

Durante o mez de Julho, perderam-se 61 navios de vela: sendo 4 allemães, 40 americanos, 16 inglezes, 1 argentino, 4 austriacos, 6 francezes, 2 italianos, 6 noruegueses, 1 russo e 5 sueccos; e 15 vapores, sendo 1 allemão, 1 americano, 7 inglezes, 1 argentino, 2 chilenos, 2 hespanhoese e 1 norueguez.

A capa d'um poeta

Conta Jules Simon que um poeta es crevera a Lamartine pedindo-lhe accetasse a dedicatoria das suas obras. Lamartine respondeu-lhe querendo ver o manuscrito. O poeta levou-lho confiadamente. Lida a obra, Lamartine olhou para o auctor. Era a miseria personificada; estava quasi nu e devia ter fome.

—Acceito, disse Lamartine, e subscrevo já para os primeiros exemplares: e deu-lhe alguns luizes. O poeta cobria-se com um fato de verão bastante velho e que não o livrava do frio. Lamartine pagou na propria capa, uma capa nova e pol-a sobre os hombros do vizitante dizendo-lhe:

—Esquecias a vossa capa.

—Não me pertence, respondeu o poeta.

—Necessariamente deve pertencer-lhe diz Lamartine, pois que já me não pertence a mim.

E' que o grande poeta, o principe dos poetas era não sómente um grande escriptor; mas tambem um grande homem e um bom christão

Cura curiosa

Uma costureira de Cheryfield, que teve a infelicidade de enterrar na palma da mão meia agulha, conseguiu que fosse extrahida mediante um novo processo, sem necessidade de levar a effeito a cruel operação que os medicos julgavam necessaria.

A dita costureira foi levada á estação central de electricidade, onde poz a mão em contacto com um poderoso apparelho electrico, que extrahiu o fragmento da agulha rapidamente, apesar de estar oxidada, sem que a paciente soffesse mais que uma pequena sensação dolorosa.

A temperatura do solo

Na sessão celebrada pela Academia das Sciencias de Paris a 22 de junho ultimo, mr. Levoz deu conta dos seus trabalhos finaes obtidos em dois poços, um em Creusot e outro proximo de Riom. No primeiro chegou-se a profundidade de 170 metros, sendo a temperatura do fundo 53: em Riom, proximo dos terrenos vulcanicos, onde se buscava petreleo, chegou-se a profundidade de 1:180 metros, sendo a temperatura do fundo 79º; ou seja 1º por 14 metros. Nesta profundidade encontraram-se aguas salgadas.

O bicho da seda

A França exportou este anno para o Syria grande quantidade de sementes de bichos de seda. O porto principal por onde foi feita a importação foi o de Beyrouth. Pelo Tripoli entraram da mesma proveniencia 917 kilos de sementes de bichos de seda.

O preço foi de 3 francos a caixa com uma onça de peso.

COISAS UTEIS

Utilidade dos agrilões

O succo dos agrilões misturado com succos de plantas da mesma familia, dá um excellente anti-scorbutico. Mastigando-seas folhas dos agrilões, evitam-se e curam-se todas as ulceras da bocca.

O succo dos agrilões é estimulante e ao mesmo tempo depurativo; emprega-se com vantagem em qualquer molestia de pelle.

As sardas no rosto e nas mãos não resistem ás lavagens d'este liquido: agrilões misturados na proporção de 1/3 do seu peso com mel e coados depois por um panno.

Os agrilões reduzidos a pó dão um excellente legume para os diabeticos; pisados enquanto estão frescos e empregados depois em cataplasmas, cicatrizam immediatamente qualquer escrofula, dissolve tumores e glandulas enfiadas.

O sal e o reumatismo articular

O sal commum emprega-se com grande vantagem no tratamento do reumatismo articular chronico, da maneira seguinte:

1.º—Friccionam-se as articulações affectadas com sal humedecido, duas ou trez vezes por dia, durante um quarto de hora;

2.º—Envolve-se a articulação n'uma compressa molhada, coberta com uma camada de sal, pondo por cima nm tecido impermeavel;

3.º—Renova-se o tratamento, isto é, a compressa de quatro em quatro horas.

Este tratamento não produz nenhuma irritação de pelle, causando pelo contrario o desaparecimento rapido da inchação e da dor articular. Como se vê este medicamento é muito simples e os resultados que dá são bastante satisfactorios.

Sopa de cauda de boi

Faça-se embranquecer com agua e sal, durante 10 minutos, uma cauda de boi, que se tenha cortado em bocados; em seguida, escorra-se bem, ponha-se em uma caçarola com caldo, um ramo de cheiros, cebolla e cravo; deixe-se cozer; cozem-se separadamente cenouras, cortadas em quadri-nhos. Na occasião de se servir, deitam-se na terrina os bocados da cauda do boi, junte-se-lhe as cenouras, cubra-se de caldo e sirva-se com pedacinhos de pão torrado. Esta sopa deve ser muito apurada.

Molho para carnes e peixes frios

Coze-se um ou mais ovos, conforme a quantia que se precisa. Esborracham-se somente as gemmas n'uma molheira, temperando-as com sal, e pimenta e junta-se pouco a pouco, azeite e mostarda. Bate-se o molho para que fique bem ligado.

ANNUNCIOS

Estevam Gonçalves d'Aranjó FALLECEU

Pedimos a todas as pessoas das nossas relações e amigos do finado o obsequio de concorrerem aos funeraes que se celebrarão na Misericordia d'es-

la villa, amanhã, 2.º feira 28 do corrente, pelas 8 horas da manhã, acompanhando-o em seguida á sua ultima morada.

Esposende 27 de setembro de 1896.

Antonio Gonçalves Jacintho
Idalina de Lima Araujo
Barão e Baroneza d'Espozende
Antonio Pereira Motta Junior

AGRADECIMENTO

Os abaixo assignados, reiteram os seus agradecimentos a todas as pessoas que se dignaram apresentar-lhes suas condolencias pelo fallecimento do seu saudoso filho, irmão e cunhado A. Azevedo, bem como aos que assistiram ao seu funeral e acompanharam o cadaver á ultima morada; e ainda a todos os amigos do saudoso extinto que lhe prestaram homenagens de sentimento, confessando-se por isso penhoradissimos.

- Maria Candida de Almeida Azevedo
Balbina Augusta de Azevedo Evangelista
Ignez Laura de Azevedo Nunes Pereira
Maria das Dores de Azevedo Marinho
Rosa Emilia Roriz de Azevedo
Izabel Duarte de Souza Azevedo
Ernesto de Almeida Azevedo
Antonio Augusto de Almeida Azevedo
Arnaldo Delfim d'Almeida Azevedo
Manoel José Nunes Pereira
Manoel de Passos Rodrigues Evangelista.
Alfredo Marinho.

ATENÇÃO

FRANCISCO JOZÉ DE SOUZA
Negociante na villa de
BARCELLOS
RUA DIREITA, 27 a 31

Vem por este meio fazer publico aos ex.ºs snrs. habitantes da villa d'Espozende, que no seu estabelecimento se encontra um bom sortido de ferro, ferragens, tintas, vidros para vidraças, cimentos, gessos para estuque, dito para branquear a colla. Vende todas as fazendas por preços excessivamente baratas, para todos poderem fazer obras e gastar pouco dinheiro.

Vende toda a qualidade de pregos de arame pelos preços da fabrica, e faz um desconto de 25 p.º.

Vidraça cortada por medida a 120 reis o kilo. Tambem manda fazer o envidraçamento de sua conta, mediante uma pequena differença, com rapidez, limpeza e perfeição, tendo para isso longos annos de pratica.

Chumbo em barra a 90

reis o kilo. Tambem se acha habilitado com licença da auctoridade superior para poder vender polvora grossa e fina, dynamite para minas ou rocha.

Podem requisital-a do mesmo acima, que do seu paiol fornece com promptidão.

N'este estabelecimento trabalha-se muito para ganhar pouco.

Julgado Municipal de Espozende

ARREMATACÃO

(1.ª praça)

(1.ª publicação)

No dia 11 de Outubro de 1896, pelas 11 horas da manhã e á porta do tribunal Judicial d'este Julgado, se tem de arrematar em hasta publica, a quem maior lanço offerecer acima do seu respectivo valor, as seguintes propriedades:

—Uma morada de casas torres e terreas, coberto, eira de casco, eirado de lavradio e arvores de vinho, situada no lugar da «Lage», que confronta do norte e nascente com caminho publico, do sul com José de Souza Gomes e do poente com Joaquim de Faria e outros, no valor de de duzentos e cincoenta mil reis.

—Uma leira lavradia no sitio dos «Montilhões», allodial, no valor de trinta mil reis.

—Outra leira de lavradio no mesmo sitio, mais para o nascente, allodial, no valor de vinte mil reis.

—Outra de malto e pinheiros no sitio da «Barca Velha», no valor de mil e quinhentos reis, allodial. Todas esta propriedades vão vão á praça pela mesma quantia acima.

Estas propriedades são sitas na freguezia de Gemezes e pertencentes aos herdeiros de Maria Joaquina de Souza, que foi da freguezia de Gemezes, e por obito da qual se procede a inventario orphanologico que corre por este juizo e cujas propriedades vão á praça para pagamento de dividas passivas a que o mesmo casal se acha sujeito, ficando as despesas da mesma por conta de quem as arrematar; assim como o pagamento da contribuição de registo, conforme foi deliberado pelo respectivo conselho de familia, interessados e meretissimo Curador dos Orphãos.

Por este meio, são citados os credores incertos e mais pessoas que se julgarem com direito ás

mesmas propriedades, para ficarem scientes do dito dia da praça, e assistirem á mesma, querendo, a fim de usarem do seu direito, conforme o ordenado nos artigos oito centos quarenta e dous e oito centos quarenta e quatro do Codigo do Processo Civil.

Esposende, 28 de Agosto de 1896.

Verifiquei a exactidão.
O juiz municipal,
João Ignacio da Silva Corrêa Simões.

O escrivão,
Delfino de Miranda Sampaio.

Julgado Municipal de Espozende

ARREMATACÃO

(1.ª praça)

(1.ª publicação)

No dia 11 de Outubro de 1896, pelas 11 horas da manhã e á porta do tribunal Judicial d'este Julgado, se tem de arrematar em hasta publica, a quem maior lanço offerecer acima do seu respectivo valor, a seguinte propriedade:

—Uma morada de casas terreas e eirado de lavradio com arvores de vinho, situada no lugar d'«Azevedo», ou Pereira», no valor de cento trinta e dous mil e cincoenta reis, allodial, e vaé á praça pela mesma quantia.

Esta propriedade é sita na freguezia de S. Paio d'Antas e pertencente aos herdeiros de Marianna Fernandes da Cunha, que foi da dita freguezia e por obito da qual se procede a inventario orphanologico que corre por este juizo e cuja propriedade vaé á praça para pagamento de dividas passivas a que o mesmo casal se acha sujeito, ficando as despesas da mesma por conta de quem a arrematar, assim como o pagamento da contribuição de registo, conforme foi deliberado pelo respectivo conselho de familia, interessados e meretissimo Curador Geral dos Orphãos.

Por este meio, são citados os credores incertos e mais pessoas que se julgarem com direito á mesma propriedade, para ficarem scientes do dito dia da praça, e assistirem á mesma, querendo, a fim de usarem do seu direito, conforme o ordenado nos artigos oito centos quarenta e dois e oito centos quarenta e quatro do Codigo do Processo Civil.

Esposende, 28 de Agosto de 1896.

Verifiquei a exactidão.
O juiz municipal,
João Ignacio da Silva Corrêa Simões.

O escrivão,
Delfino de Miranda Sampaio.

ANTONIO DOURADO
Editor Catholico.
Rua dos Martyres da Liberdade, 163
—Porto.

Tendo recebido instantes pedidos para abrir novas assignaturas para as obras de vulto que temos publicado, e querendo ser agradavel ao publico catholico, que sempre nos tem animado nas nossas emprezas e ajudado a levar-as a cabo, resolvemos abrir assignatura, no principio d'este anno de 1896, para as seguintes obras, cuja distribuicao regular principiara por todo o mez de fevereiro.

A BIBLIA POPULAR ILUSTRADA (VELHO E NOVO TESTAMENTO) Pelo Abbede Drioux, dr. em theologia e antigo professor do Seminario de Langres.

Approvda pelo Cardeal Arcebispo de Boreus, e Bispos de Tarbes, de S. Claude e de Langres.

Versão do francez do Dr. Antonio Pereira de Paiva e Pona.

Publicada com permissoo do Em.º e Rev.º Sr. Cardeal Bispo do Porto Offerecida ao Ex.º Sr. CONDE DE SAHODAES

Adornada com mais de 300 gravuras. Distribuir-se-ha uma caderneta por semana, contendo duas folhas de oito paginas, em bom papel e formato grande.

Preço de cada caderneta 60 reis.— Os assignantes da provincia pagarão de cinco em cinco fasciculos.

As possos que desejarem receber mais que um fasciculo semanal, volume ou a obra completa poderão assim requisital-o ao editor que prontamente fará as remessas que lhe forem feitas. O preço da assignatura vigora apenas pelo tempo que durar a distribuicao da obra, sendo elevado logo que finalise a ultima distribuicao.

Pedidos ao editor ANTONIO DOURADO, rua dos Martyres da Liberdade 163, —Porto.

ABBADE MOICNO ESPLENDORES DA FÉ

Versão portugueza do PADRE FRANCISCO MANOEL VAZ antigo Missionario d'Africa Oriental.

COM AUCTORISACAO E APPROVACAO DO EM.º E REV.º SNR. D. AMERICO, Cardeal-Bispo do Porto.

Distribuir-se-ha uma caderneta por semana contendo duas folhas de 16 paginas cada uma, formato grande, em typo novo e bem legivel. Preço de cada caderneta 100 reis, pagos no acto da entrega. Os assignantes da provincia pagarão de cinco em cinco fasciculos, enviando-se-lhes o competente recibo.

A distribuicao d'estas obras será feita com toda a regularidade, visto que todas ellas se encontram já impressas.

EXERCICIOS DE PERFEICAO E VIRTUDES CHRISTAS, pelo rev. Affonso Rodrigues, 3 volumes 3.500.

ASSASSINATOS MAÇONICOS, por Léo Taxil, 1 volume, 1.500.

ADMIRADORES DA LUA, por Léo Taxil, 1 volume, 1.500.

BIBLIOTHECA CATHOLICA

EDITOR—ANTONIO DOURADO

Já estão publicados os seguintes volumes:

«Methodo para formar a infancia na Piedade.» 1 folheto 50.

«Testemunho da Fé.» por D. Maria de Castro Menezes, 300.

«Tratado da verdadeira devoção á Santa Virgem», 200.

«Vida de Santa Ignês», 200.

«A Sciencia do Crucifixo», em forma de meditações, dividida em duas partes pelo Padre Pedro Maria da Companhia de Jesus, 200.

NO PRÉLO

«O Joven Apologista da Religião. Resposta ás objecções mais espalhadas. Toda a correspondencia relativa a assignaturas para as obras acima enumeradas deve ser dirigida ao editor «Antonio Dourado», rua dos Martyres da Liberdade, 163—Porto, e em casa dos seus estimaveis correspondentes.

MANUAL DAS FAMILIAS

Revista semanal

de

Formulas, receitas e conhecimentos praticos, aproveitaveis ás sciencias, artes e industrias.

Conselhos e instrucções sobre hygiene, medicina, veterinaria, agricultura e jardinagem.

Phisica recreativa, problemas dos jogos da xadrez, damas, dominó, cartas, logogriphos, etc.

Empreza—George Lefevre & C.ª. Redacção e administração 35, Rua Aveos, 35. Lisboa

PRIVILEGIO EXCLUSIVO CONTRA A DEBILIDADE DOENÇAS DE PEITO FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DE FRANCO

UNICA LEGALMENTE AUCTORISADA E PRIVILEGIADA EM PORTUGAL Preparada por PEDRO AUGUSTO FRANCO, Commendador da Ordem de Christo, Pharmaceutico fornecedor da Real Casa de Sua Magestade Fidelissima El-Rei o Senhor D. Luiz I, Membro Honorario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, e de outras sociedades scientificas e industrias, premiado, etc.

Esta farinha, que é um excellente e agradavel alimento reparador, de facil digestão, utilissimo para pessoas de estomago debil ou enfermo, de idade avancada, convalescentes, amas de leite e para crianças, é ao mesmo tempo um valioso medicamento que pela sua acção tonica reconstituente é do mais reconhecido proveito nas pessoas anemicas, de constituição fraca, e em geral nas que carecem de forcas no organismo. A sua efficacia, evidenciada pelo uso quasi geral que d'ella se faz n'aquelle paiz ha muitos annos, levou o autor a tornal-a conhecida no estrangeiro.

Ha tambem a mesma farinha peitoral preparada SEM FERRO, para os casos em que elle não seja aconselhado.

PRIVILEGIO EXCLUSIVO CONTRA A TOSSE DOENÇAS DO PEITO XAROPE PEITORAL JAMES

Unico approved, legalmente auctorizado pelo conselho de saude publica de Portugal e Inspectoria Geral de Hygiene da Corte do Rio de Janeiro.

A efficacia d'este xarope, evidentemente provada em muitas observações nos hospitaes e na clinica particular dos mais distinctos medicos d'este paiz, levou o Conselho de Saude Publica do Reino a approval-o (distincção que lhe não mereceram outras preparações), e a consideral-o um verdadeiro especifico contra as bronchites, tanto agudas como chronicas, defluxo, tosse rebeldes, tosse convulsa e asthmatica, dor do peito, escarros de sangue, e contra todas as irritações nervosas.

Cada frasco está acompanhado de um impresso com o parecer que o Conselho de Saude deu ao governo, e com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelos consules do Brazil.

Na parte collada do envolvero esta minha assignatura som tinta azul.

P. A. Franco

Deposito geral — Pharmacia Franco, Filhos

EM BELEM — LISBOA.

HENRI ROCHEFORT AVENTURAS DE MINHA VIDA TRADUCCAO DE C. DE CASTRO SEROMENHO

E' a historia dos 40 ultimos annos do governo francez, não uma historia escripta em toda sua severa integridade, por um historiador imparcial, mas sim uma relação dos factos que presenciou o auctor, (um opposicionista encarnicado), escripto n'um estylo singularmente colorido e nervoso, que não recia o termo proprio.

Cada semana sae um fasciculo com 80 paginas Provincias—120 reis cada fasciculo Dirigir os pedidos a Guillard, Aillaud & C.ª—Rua Aurea, 242—LISBOA.

CODIGO DO PROCESSO COMMERCIAL

APPROVADO POR DECRETO DE 21 DE JANEIRO DE 1895

Pedidos á «Typographia Progresso» —Elvas.

A' venda em Lisboa na Livraria da Antonio Maria Pereira—Rua Augusta, 2.

ENCYCLOPEDIA DAS FAMILIAS

Revista de Instrucção e Recreio

Condições de assignatura.

D'esta utilissima revista publica-se mensalmente um numero de 80 paginas, em typo miudo, impresso em bom papel, e elegantemente brochado. Contem cada numero variadissima secções, d'entre as quaes destacamos: pela sua importância a de historia patria, intitulada Historia da invasão franceza em Portugal trabalho que tem merecido os maiores elogios de toda a imprensa periodica. Seguem-se-lhe largamente desenvolvido, e alternadamente, as seguintes secções. Agricultura, aneddotas, antiguidades, apontamentos historicos, arithmetica, assumptos religiosos, astronomia bellas artes, botanica, contos infantis, descobertas e invenções, dictionario da biblia, estatistica, economia domestica, geographia, historia natural, homens illustres, hygienê, jardinagem, litteratura, moral, machinas, medicina, musica, Mythologia, pensamentos, physica, poesia sciencias e artes, etc.

formando no fim do anno um grosso volume de 960 paginas, inde se encontram reunidos apontamentos de todas as sciencias, constituindo uma verdadeira Encyclopedia, facil de ser consultada por quem pesseja saber e instruir-se. Cada anno ou 12 numeros eguaes ao presente 800 reis Pagamento adeantado

REMEDIOS DE AYER Vigor do cabelo de AYER—Impede que o cabelo se torne branco e restaura ao cabelo grisalho a sua vitalidade e formosura. Pectoral de cereja de Ayer. O remedio mais seguro que ha para cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares. Extracto composto de salsaparrilha de Ayer—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrophulas. O remedio de Ayer contra sezões—Febres intermitentes e biliosas. Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sabem baratos, por que um vidro dura muito tempo. Piltas Catharticas de Ayer—O melhor purgativo suave e inteiramente vegetal. Perfeito desinfectante e purificante de JEYES—para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura ou nodos de roupa, limpar metaes, e curar feridas. Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias, PREÇO 210 REIS. VERMIFUGO DE B. L. FAHNESTOCK E' o melhor remedio contra lombrigas. O proprietario está prompto a devolver o dinheiro a qualquer pessoa a quem o remedio não faça o effeito quando o doente tenha lombrigas e seguir exactamente as instrucções. Sabonetes de glicerina marca «Cassels» muito grandes, da melhor qualidade e amaciam a pelle. Preço 700 reis a duzia (1)

EDITORES—BELEM & C.ª Rua do Marechal Saldanha, 26 — Lisboa OS DOIS ORPHÃOS

Ultima producção de ADOLPHE DENNERY, auctor dos applaudidos dramas «As duas Orphãs», «A Martyr» e outros.

Edição illustrada com bellos chromos e gravuras.

Chromo, 10 reis—Gravura, 10 reis—Folha de 8 paginas, 10 reis.

Sahirá em cadernetas semanaes de 4 folhas e 1 estampa, 50 reis pagos no acto da entrega.

450 reis cada volume brochado.

BRINDE a todos os assignantes—uma estampa de 14 cores de grande formato representando a vista geral do Convento de Mafç.

Reprodução de photographia tirad a expressamente para este fim.

BRINDES a quem prescindir da commissão em 2, 4, 5, 10, 15 e 30 assignaturas.

BRINDES distribuidos a angariadores d'assignaturas:

62 retratos a crayon, 24 duzias de photographias, 106 aparelhos completos de porcelana para almoço e jantar de doze pessoas, 45 grandes relógios com o calendario, 70 collecções de albums, com vistas de Portugal e 39 collecções de estampas, editadas por essa empreza.

BRINDES distribuidos a todos os assignantes:

14:000 mapps geographicos de Portugal, Europa, Asia, Africa, America, Oceania e Mundi.

28:000 grandes vistas (chromo), representando: o Bom Jesus do Monte, proximo de Braga, a Senhora da Conceição, a Avenida da Liberdade, a Praça do Commercio, o Palacio de Cristal do Porto, o Palacio da Pena em Cintra e a Praça de D. Pedro, Lisboa.

38:000 albums com vistas de Lisboa, Porto, Cintra, Belem, Minho e Batalha. Valor total dos brindes distribuidos 12:900\$000 reis.

Enviem-se prospectos a quem os requisitar.

Acceita-se correspondente n'esta localidade.

LA ULTIMA MODA Semanario de modas para senhoras EDICAO EM HESPANHOL

Publica-se todos os domingos e contém numerosos modellos de ultima novidade em trajos, chapaus, adornos, penteados, etc.; revistas de modas e salões. É o unico dos da sua classe que se publica em Hespanha e mais barato.

Preço da assignatura em Portugal:

Anno..... 3\$200 reis

Seis mezes..... 1\$700 »

Tres mezes..... 865 »

Numero avulso..... 65 »

Todos os pedidos de assignatura devem ser feitos ao sr. Manoel Francisco Miões—Rua da Padaria n.º 32, LISBOA.

Na redacção do «Povo Espozendense» mostram-se os n.ºs da «Ultima Moda», a quem deseje assignar, encarread

O ARCHEOLOGO PORTUGUEZ Collecção illustrada de materiaes e noticias Publicada pelo Museu ethnographico portuguez

«O Archeologo Portuguez» publicar-se-ha mensalmente. Cada numero será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in-8.º, do formato d'este prospecto, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA (Pagamento adeantado)

Anno..... 1\$500 reis.

Semestre..... 750 »

Numero avulso..... 160 »

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

É de crer que nenhuma das pessoas que se interessam por taes assumptos se recuse á pequena contribuição.

Toda a correspondencia á cerca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a J. Leite de Vasconcellos, para a «Bibliotheca Nacional de Lisboa».

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas devere ser dirigida a J. A. Dias Coelho, para a «Imprensa Nacional de Lisboa.»

A' venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

Antonio Dourado—Editor catholico LEO TAXIL

O MYSTERIOS DA TRINCO-MARCONAR

Versão portugueza do Padre Francisco Correia Portocarrreiro e Padre Ferreira Nunes com uma dedicatória do auctor a S. M. a Rainha.

D. MARIA AMELIA OBRA ILUSTRADA

Com mais de 100 gravuras, desenhadas por um distincto artista estrangeiro.

Preço de cada fasciculo com trinta e duas paginas de texto e quatro ou mais gravuras 100 reis.

Obra que mereceu ao auctor um breve de Sua Santidade Leão XIII, animando-o e abençoando-o. Com auctorisacão do Em.º e Rev.º Sr. Cardeal Bispo do Porto

A obra consta de dous volumes distribuida em fasciculos de 32 paginas de texto com quatro ou mais gravuras. Preço de cada fasciculo 100 reis, pagos no acto da entrega; para as provincias é franco de porte. Os assignantes da provincia pagarão de cinco em cinco fasciculos, enviando-se n'essa occasião o competente recibo.

Distribuição semanal, garantindo-se toda a regularidade visto a obra estar toda impressa.

As pessoas que desejarem receber mais que um fasciculo semanal, volume ou a obra completa poderão assim requisital-o ao editor que prontamente fará as remessas que lhe forem feitas.

O preço da assignatura vigora apenas pelo tempo que durar a distribuicao da obra, sendo elevado logo que finalise a ultima distribuicao.

Pedidos ao editor ANTONIO DOURADO, rua dos Martyros da Liberdade, 163—PORTO.